

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St. Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600
Brazil, semestre	700
Avulso	20

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 30 réis

Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento.

Os ultimos momentos de Alexandre Herculano

Antonio da Silva Tulio, extremamente comovido, tinha corrido ao Paço a pedir a Magalhães Coutinho, que accudisse com a sua ciencia e grande talento ao amigo de tantos anos.

Mandou-se pôr um expresso.

A's seis e meia entravámos na estação. Lá estava Magalhães Coutinho. Partimos. Eramos cinco: Magalhães Coutinho, João Galhardo, sobrinho de Alexandre Herculano, Henrique de Souza Reis, José de Avelar e eu.

O expresso silvava constantemente, cortando o terreno, como as aves cortam os ares. Pareceu-nos que ia devagar! Chegando a Val de Lobos, Magalhães Coutinho não auscultou o doente. Tomou-lhe o pulso e disse-lhe algumas frases vagas. Falou-lhe, com insistencia, d'um alto personagem, que se interessava pelo seu estado. Quando Magalhães Coutinho saiu do quarto, Alexandre Herculano, muito comovido, diase para José de Avelar:

— Isto dá vontade de a jente morrer. Era a frieza desconsolada do medico e do amigo? Seria sentir que o homem de superior talento, talento que ele apreciava tanto, não lhe podendo já acudir com a ciencia, queria, áquelas horas tardias, consolal-o com a satisfação das vaidades humanas?

Fosse o que fosse, alguma couza acerba lhe atravessou o espirito, nesse atribulado momento! D'ali a pouco, recobrando a sua habitual serenidade disse-me:

— Os de casa, coitados, andam com a cabeça perdida. Dê uma visita de olhos áquilo lá por baixo, para que arranjem a ceia. Veja os melões. Estê ano são magníficos.

De madrugada regressámos a Lisboa.

Nesse dia á noite—11—José de Avelar voltou a Val de Lobos.

Damos-lhe agora a palavra: —Meu querido Bulhão Pato.—Para completares a tua triste narrativa, queres que recorte o que se passou, desde o dia em que tiveste de retirar de Val de Lobos, e eu tive de ficar ao lado do nosso nobilissimo e chorado amigo, na qualidade de enfermeiro, qualidade que nunca ultrapassei como sabes. Vou cumprir as tuas ordens, e em breves palavras direi os poucos e melancolicos episodios, que a minha fraca memoria não deixou escapar.

No dia 12 resolveram propor ao enfermo, que aproveitasse a presença do tabelião—que era seu respeitozo amigo e que o vinha visitar—para fazer o seu testamento, ao que ele acedeu sem a menor hesitação, demonstrando, todavia, bem accentuadamente, num quase desdenho sorriso, que não acreditava na coincidência d'aquella vizita.

Assisti ao acto como testemunha.

Dictou tudo, palavra por palavra com a maior serenidade, e sem differença de tom na voz, quando falou das disposições do seu proprio enterro, que deixava ao arbitrio e vontade de sua viuva.

Fui eu e Santos, que o amparámos, para se sentar na cama, e assi-

nar o testamento. Como a primeira pena—que era d'ave e com essas é que sempre escreveria—não servisse por estar ressequida e com os bicos revirados, por não ter nzo havia alguns dias, fui ao escritorio procurar outra, que preparei rapidamente molhando-a na tinta, e collocando-lha entre os dedos.

«Com estas curtas demoras, e na posição que conservava,—ainda que amparado nos braços de Santos—tinha-se afadigado extraordinariamente; a respiração era já muito frequente e curtissima, porque a maior parte dos pulmões não funcionava, e só com muito esforço e vigor de vontade conseguiu—a muito custo e com letra muito tremida e deformada—assinar o seu—A. Herculano.

«A palavra que, decerto, o grande escritor tracára sempre com menos atencção e quase automaticamente, foi a ultima, que escreveu, e com tantas dificuldades e cansado trabalho, como quem realmente gravava no bronze eterno a rubrica da propria immortalidade!

«Deixou-se cair, ofegante, sobre as almofadas, com a respiração estridula e fervorosa de quem já não tinha força para expetorar.

«Disse-me ainda que os rapazes—os seus testamenteiros—poderiam publicar uns cinco volumes de opusculos com os manuscritos que deixava, e os artigos dispersos nos jornaes. Depois ficou n'um torpor de repouso aparente e nós deixámo-lo como a dormir.

«Estava ezausto; poucas horas tinham de decorrer para começar a agonia.

«De noite voltaste, e como não o dezamparaste mais, melhor que eu sabes como passaram os ultimos momentos do homem, do grande e inimitavel historiador!

Teu velho amigo
José de Avelar.

Os telegramas do dia 12 eram cada vez mais aterradores.

Henrique de Souza Reis estava descorado, mas queria ainda levar o dr. Alves Branco a vêr o seu amigo. Era um fio de esperança; agarrava-se a elle!

No comboio da noite partimos.

«A viagem foi summa.

Quando chegámos a Val de Lobos, e entrámos no quarto, Alexandre Herculano olhou para Henrique e abraçou-o.

«Era um agradecimento mudo pela sua solicitude.

O dr. Alves Branco observou detidamente o enfermo. Não desprezámos os olhos d'ele. O habilissimo medico forcejava por aparentar a maxima serenidade, falando affectivamente com Herculano que lhe dizia:

—Ainda que chegasse a levantar-me d'aqui como ficaria eu? Valeria a pena esgotar os recursos da ciencia com um homem, que já nada poderia produzir? Estou cansado, doutor, tenho trabalhado muito!

Quando entrámos no escritorio, Alves Branco sentou-se, esteve alguns momentos calado e depois, como respondendo á nossa ansiosa espetativa, disse-nos, com as lagrimas nos olhos:

—E' um homem irremediavelmente perdido.

Meia hora depois Henrique, morta a esperanza, voltava com o medico para Lisboa.

Eu ficava.

Abraçamo-nos sem trocar palavra.

Sobre a madrugada desci á casa de jantar, sentei-me numa cadeira de braços e adormeci. D'ali a pouco acordei sobresaltado.

Cantavam os passaros, vinha rompendo a manhã. Subi ao quarto. Eduardo Galhardo, sobrinho de Herculano, filho de sua irmã, estava ali.

A luz, que entrava pelas frinchas da janela, sobrelevava já ao clarão mortifido da lampada acesa no quarto proximo ao do enfermo.

Alexandre Herculano disse:

—Abram a janella. Quero vêr as arvores. Eduardo abriu as portas da janella. O orvalho, aos clarões vivos e virjinaes da alvorada, brilhava como pedras preciosas, correndo em lagrimas pelos vidros empanados.

Eduardo limpou os vidros com o lenço.

Nesse mesmo momento tinham entrado no quarto José Basto, José Candido dos Santos, um dedicado amigo, de Val de Lobos, hoje morto, a ex." sr." D. Mariana Hermínia Maira, e as amigas intimas que a acompanhavam. Não me recorde de algumas mãs.

A luz da manhã crescia em ondas.

Alexandre Herculano estava extremamente palido. O queixo inferior, que de ordinario, quando falava, tremia um pouco, agora tremia constante e fortemente.

Não havia nem lagrimas nos olhos, nem palavra na boca de ninguém.

Nada ás vezes é mais eloquente que o completo silencio!

Herculano, vendo entrar as senhoras, olhou fisco para sua mulher, que elle amava extremozamente, com expressão dolorosa e affectiva.

Depois, estendendo o braço, disse com enjeria:

—Levem d'aqui as mulheres. Mulheres não são feitas para vêr isto! Que se passaria n'aquelle forte e ao mesmo tempo amantissimo coração, ao proferir estas palavras em tal instante e com tal hombridade?

O medico assistente, de Pedrozo, chegou pelas oito horas. Na consternação da sua boa e intelijente fisionomia lia-se a sentença fatal!

O creado Manoel, que Alexandre Herculano tivera em sua casa de pequeno, e mandára educar, veio trazer-lhe um caldo.

Herculano fez um jesto repulsivo. Manoel insistiu sollicitamente.

O doente respondeu:

—Bebe-o tu, coitado, que necessitas, eu já não preciso de nada.

A's onze horas da manhã chegou o duque de Palmela: o duque desde rapaz tivera relações intimas com Alexandre Herculano.

Quando ele entrou no quarto, Alexandre Herculano estava deitado sobre o lado esquerdo. Sem proferir palavra, estendeu o braço direito e lançou-o em volta do pescoço do seu amigo.

O duque fez grande esforço para conter o impeto da comoção; ainda assim não o poudo conseguir.

Nas largas e affitivas horas d'aquelle dia—horas negras que por uma antiteza cruel, contrastavam com o aspecto do Val, cujas arvores e vinhedos, batidos pelo sol magnifico, pareciam nadar num banho

de luz—houve para mim um momento de singular consolo.

Vendo que a respiração do doente era por extremo anelante, o que me oprimia o peito, perguntei-lhe, como maquinaalmente:

—Custa-lhe muito a respirar?

—Não, não, respiro bem, muito bem.

Disse isto com tanta convicção e naturalidade, que eu fiquei aliviado d'um grande pezo!

Queixava-se muito de dôres no logar do caustico. Pediu que lho tirassem.

Como houvesse hesitação disse:

—Tirem, tirem. Agora para que serve?

Os olhos, que elle tinha d'um grande brilho, apesar da terrivel enfermidade, não haviam amortecido muito; conservavam a sua expressão reflectiva e boa. O semblante estava dolorido, macerado; mas não havia sombras. E' que as não tinha aquella alma limpida e serena!

Não cabe aqui n'estas linhas o retrato moral desse homem verdadeiramente superior. Um dia, talvez em breve, tentarei fazel-o, narrando factos da sua vida particular, factos caracteristicos—eloquentes! A' falta d'arte haverá verdade e sinceridade. Conheci muito de perto aquella vida immaculada no decurso de trinta anos.

Volto á minha narrativa.

A respiração continuava anelante, porém menos ruidosa. Cada vez maior dificuldade em expetorar. Tinha alguns minutos de aparente snolencia; depois, estremecendo, abria os olhos.

Seriam trez da tarde. Interrompendo um longo silencio, disse, apontando para os pés:

—A morte já ahí vem a subir.

Em seguida, levando as mãos á testa ampla e proeminente, bateu repetidas vezes, acrescentando:

—Isto ainda está bom. Foi muito rijo.

Esteve alguns minutos fitando-me, e continuou:

—Agora vocês é que ficam sendo os velhos!

Nas horas em que estive ao pé d'elle, durante a enfermidade, foi n'esse momento que, pela primeira vez, lhe vi os olhos humidos de lagrimas.

A tarde começou a declinar.

Eu estava no gabinete de trabalho proximo do quarto. Eduardo Galhardo chegou-se a mim.

—Olha, o tio recitou agora alguns versos, mas eu não pude perceber bem.

Abreirei-me do leito, e falei-lhe.

—Respondeu:

—Ainda lhe comprava mais dois centos.

Tornei a falar-lhe.

Repetiu as mesmas palavras, e passado breve espaço acrescentou:

—Tanchões de oliveiras.

Os olhos haviam tomado expressão diversa—espantados, desvairados!

Estava em delirio.

Sai, ou antes, fugi do quarto.

Quando vi transtornada aquella soberana razão, que desde os meus dezeseis anos me habituára a venerar e admirar, em diurna convivencia, perdi completamente o animo.

Sem me despedir de ninguém meti-me com o duque de Palmela n'uma caleche e parti.

D'ali a pouco, mais de duas horas, Alexandre Herculano estava morto.

ECHOS DA SEMANA

Progressão

Quando atacado no parlamento pelos abuzos que encobre ao juiz de instrução criminal, o ministro do reino, para confundir a interpelação, afirmou-se positivamente «liberal»; quando na camara dos pares increpado pelo caso das luminarias (assalto á camara de Lisboa) o mesmo ministro argumenta declinando a sua qualidade de «liberal e democrata». Uma verdadeira progressão, e por isso será de esperar que, quando na camara lhe toquem a pavana da ignobil novissima, o mesmo ministro levantando-se com a mão sobre o coração confesse sua filiação «socialista-sindicalista»; e se um dia o hajam de interpelar pelo primeiro enforcado que como ministro ofereça no altar do Absolutismo, decreto pedindo a palavra ter á alegar, defendendo-se, o mesmo fregoli-ministro, sua qualidade confessa de «anarquista christão»...

Subindo os crimes subindo irá seu radicalismo, e o mundo assistirá, banzado, ás teorias e sistemas avançados, sempre mais avançados, que em cada sessão das côrtes vestirá o proteus ministro.

E ha aquele portento no pequeno, e em tudo, pobre Portugal; é alfacinha aquella oitava maravilha do mundo!

Bem se diz que a jente, o cavaleiro, só o vê nos olhos dos outros...

Em oiro

Veio na telegrafia do Janeiro, mas a apostar que lhes passou de todo despercebido. Outra vez—a vêr se reparam:—«A junta do credito publico adquiriu por concurso, ao cambio de 45999 réis, 25:000 libras para pagamento do coupon de julho.

No sabado haverá igual concurso.

E depois da do sabado outro, e outros, para ainda outros coupons.

... São erros que de longe veem...

Sete folegos

Seja-nos relevado o plebeismo e irreverencia da comparação; porque emfim sempre se trata d'um rei «de direito divino»... Mas na verdade aquelle Menelik, imperador das terras do Prestes João, é como os gatos:—tem sete folegos.

As vezes sem conta que aquella trapalhona da agencia Havas o tem matado—e ele sempre redivivo. Até nós—perdoe-nos sua imperanteria—ha que tempos o demos aqui por morto, não porque isso importasse, mas porque era preciso aquele eco aos compositores do jornal. Matámo-lo, fiados na Havas, e afinal o nosso espanto, o nosso desespero, a nossa vergonha, quando lá das montanhas etiopeas nos surje o carão esperto do Menelik com a corôa firme na encarapinhada cabeça!... Não caímos n'outra; o imperador da Abissinia, por mais que se esfalem as agencias, quando cá lhe façam o pranto estará lá nas suas terras a rebentar de saude.

—Para felicidade e gloria do seu povo...

Bulhão Pato.

Responsabilidade ministerial

Despejou-se, enfim, o cabaz, e, de embrulhada com a porquissima ladra eleitoral, o que havia de trazer, senão um projecto de lei de responsabilidade?...

Alexandre Herculano

Continuam as manifestações de homenagem ao nosso imortal historiador. Hoje, damos, sobre o grande homem, um pedaço de evocativa e sentida proza.

Hinton

Desistiu o inglez do seu pedido de 3:300 contos de indemnisação, e, como nada se faz em negocios sem compensação ou sem troca, deu a sua desistencia...

Conquista traíçoa

A seguir a Delagrang, apoz tantos outros, mais um aviador audacioso colhido a meio do seu triumpho.

Leblond, em S. Sebastião, tendo realizado verdadeiras performances, ao desferir um dos seus voos magnificos é precepitado do ar com o seu biplano...

Estar a vida dos fortes, nos seus combates contra natura, dependente d'aquella pequena e maldita cousa—a panne...

Rebellião

Andam assanhadas as catholicas hostes cá do povoado, como enxame d'abelhas em maré d'emigração.

O Reverendissimo Fura, que nós conhecemos por as suas theorias innovadoras da religião catholica que elle supõe gasta e em que vai botando suas tombas com mão de mestre no officio, o Reverendo Fura que nós muito bem conhecemos por causa de morar n'uma casa onde se cose pão e d'onde sae um fêtido constante com muito aprasimento do snr. sub-delegado de saúde e da snr. camara, o Padre Fura enfim, que todos nós conhecemos porque não fura paredes, quiz furar o seu superior hierarchico, o parochico cá da freguezia.

Serve-nos apenas como symptoma: O reverendo director, chefe do quer que é d'uma escumalha mixto de mandria, má lingua, escovilmente e falta de escrupulo, vulgarmente conhecido por beaterio entendeu que não devia consentir que o seu collega a quem odeia, pregasse n'uma das numerosissimas novenas que infestam as nossas capellas e entendeu que não devia consentir que o seu abbade o substituisse na supra-citada novena que se recusava a fazer.

Estranhou-se isto. Porquê? Pois quem manda cá no burgo catholico? Não são as typicas beatas?

Ou extranhou-se por ser a primeira vez que o Reverendo Fura faz das suas?

Mas então não se lembram já de que elle se recusa terminantemente a ir levar os ultimos soccorros aos moribundos que os solicitam, quando d'elles necessitem de noite?

Pois ha bem poudo ainda fez coisa identica, segundo nos informam. Na noite de seata-feira santal

Mas ignoram que elle acha que uma cornada d'um bei n'uma rapariga que não accedia ás suas solicitações para retirar para um convento, era um justo castigo de Deus que se servia, diga-se de passagem, d'um instrumento bem pouco proprio e decente? Para castigar?

Oh! o Padre Fura é um heroe; e d'estes heroes é o reino dos ceus, porque as beatas o consentem, claro está.

Ficamos com curiosidade de ver o que d'aqui sae.

O parochico é na freguezia, o que o bispo é na diocese e o papa na igreja; a revolta contra aquelle pôde, a ser sancionada, dar-se do parochico contra o bispo ou d'este contra o papa.

E a revolta fica sancionada, se não for castigada.

Em todo o caso isso é lá com elles.

O que é urgente é que o bispo lhe retire as demissorias e o devolva ao collega que lh'o impingiu, para socego do burgo.

O «Jornal d'Ovar» aponta-lhe Portalegre, mas informações particulares dizem-nos que elle calhava melhor em Beja, que fica perto. Também se falla em Africa.

Pois que vá seja para onde for: Beja, Portalegre, ou prás costas d'Africa.

Que se o nosso conselho fosse ouvido, attendendo á sua santidade e poder de conversão, mandavam-n'o pr'o diabo a quem talvez elle convertesse ficando assim nós todos livres de mesmo diabo.

ARA

O eterno amor

Puz-me a reler as tuas cartas hoje. Ha bons trez anos que m'as escreveste... —Vé como o amor, vé como o tempo foge

Entre uma d'elas, na maior, meteste (n'aquelle dia para o que te deul) umas folhas rendadas de cipreste...

São trinta cartas de apertadas linhas todas de abril—do mez em que no ceu já voam as sagradas andorinhas—

«Juro-te amor eterno» uma dizia. Pois afinal durou um mez por junto o amor eterno. Quem o suporia!

Rezemos pelo defunto. Padre Nosso. Avé Maria...

Augusto Gil.

«A ignobil porcaria»

Devemos estar satisfeitos: trez mezes passados sobre a promessa governamental de ser presente ao parlamento um projecto de lei liberal, honesto, serio, acabando com a legislação eleitoral vjente; trez mezes depois de ser garantido que o governo, em materia de reforma eleitoral, seguiria as indicações do programa do partido progressista, cumprindo-as strictamente; trez mezes apoz essa mentirola de profissional da burla, o que é apresentado ao parlamento é um projecto de lei eleitoral peor ainda—se tal é possível!—do que a lei actual, por todos condemnada, pelos proprios monarchicos crismada do sobrenome de ignobil porcaria.

O que se disse, o que a injenuidade por ali espalhou sobre as intenções dos ministros, e quanto ás bazas da nova proposta de lei!... O que os proprios republicanos não deixaram de ouvir com agrado, quase meio convencidos de que o minis-

terio Beirão faria coiza limpa, coiza de prestimo, aceitavel n'uma politica cogonominada, de rezultados!...

E o que afinal é a nossa lei!

Voto obrigatorio; recenseamento do eleitorado—pedra de toque do principio representativo—ezatamente o da lei actual: isto é, viciozo, falso, arbitrario por excelencia!

Diizão de circulos eleitoraes adrede e propozitadamente escolhida para sofismar e cobrir os votos republicanos; mantida como até aqui a detestavel doutrina majoritaria da chamada «lista incompleta»; difficulção do processo de apresentação das candidaturas—50 eleitores, nada menos, e José Luciano lá sabe porque! tudo rebuscadamente e evidentemente vizando a hostilizar, tornar mentiroza a chamada opinião do suffragio.

«Tem coizas boas» vae-se dizer e... estamos de acordo. Coizas boas porque, essencialmente, é uma lei eleitoral de defeza monarchica; coizas otimas porque é uma arma nas mãos da plutocracia e do rejime, melhor que a que substitue.

Não deve passar; mal por mal subsista a ignobil existente, a cujas surpresas estamos afoitos; contra as quaes, á nossa custa, temos aprendido, algum tanto, a nos defendermos.

Custe o que custar, e aceitando-se, para bom conseguimento, a colaboração dos proprios monarchicos que sinceramente a guereem, é indispensavel combatel-a, não dezarmar, não esmorecer enquanto se não proceda ao seu enterro.

Fôra! Fôra com a nova ignobil, parida na barrigona, mil vezes trapalhona e reaceonaria do ministerio Beirão!

NO CUAMATO

A obra nefasta da monarchia

Todos se lembram d'aquella heroica epopeia que foi a guerra travada no interior de Angola contra os bravos e atrevidos negros do Cuamato, pois que, d'honten ainda, estarão na memoria publica, ao menos, as festas com que se honraram os comandantes e soldados da expedição valorosa.

Pois senhores. O Cuamato pacificado e sujeito de vez ao nosso dominio, á custa dos perigos e sacrificios dos nossos militares, está em vesperras de nova e jeral sublevação.

Noticias semi-officiozas o vão dando, já, a entender, e sabe-se, tambem, que «a determinante d'esse espirito de revolta que vae alastrandando n'aquella rejião tem sido os abuzos constantes, as extorsões e vexames de toda a ordem praticados pelos cobradores, e que de mais a mais as autoridades tem deixado impunes».

Os cobradores que praticam ezações infames, os cobradores que levam ao cumulo a ezaltação e o odio dos negros, não são, como seria de esperar, funcionarios militares ou civis portuguezes; são boers, isto é: estrangeiros (!) contratados pelas nozias autoridades e por ellas, com a impunidade, resalvados em todas as malandrajens, latrocinios, infamias que lhes aprazam.

O que eles fazem, não é invenção mas conhecimento de quem dispõe de informações seguras, fica plenamente sabido com esta transcriçaozinha:—A pretexto da cobrança vao apreendendo gados sem criterio algum, até mesmo a individuos que já haviam pago os seus impostos. Taes apreensões fazem-as por zonas.

O gado é depois vendido em praça; e como em jeral não atinge o valor que se esperava, fazem-se novas apreensões sempre violentas e sempre a esmo.

E' o velho sistema das razias: paga preto senão esmagote!

O rezultado até agora é o ezodo dos habitantes do paiz. Milhares e milhares refujiam-se nas terras do Cuanhama, onde, embora nominalmente subditos de S. M. Fide-

lissima, não chegam já as unhas aduncas dos nossos coloniaes. De caminho, fujindo aos cobradores da monarchia radioza, os negros vão ensaindo os preludios do alevanto revolucionario, atacando, nos logares indefezos por onde passam, as casas de comercio portuguezas que porventura se encontrem.

Tudo concorre para os excitar, para lhes tornar maldito o nome portuguez. Depois da ultima campanha um comandante militar, já depois de acabado o estado de sitio, mandou fuzilar diversos indijenas. Deu como pretexto da crueldade e do acto perigozamente impolitico, a explicação de que os justicados eram espiões! Em suma: nada se poupa no Cuamato e no Humbe para descontentar e irritar os indijenas. As consequências... Pouco viverá quem o não veja, e fraco profeta é quem não o adivinhe.

Mais dia menos dia estaremos a braços com uma formidavel insurreição: bailundos, cuamatas, cuanhamas, os mais aguerridos, os mais valentes negros dos nossos dominios. Contra os cuamatas só, viu-se o que custou a campanha ao major Rôçadas, vencedor por um bamburro da heroicidade bem sucedida; contra inimigos mais fortes, porque todos unidos, bem municados, tendo a vantagem estrategica importante de operarem em rejões aridas e teríveis ao europeu, ver-se hia os sacrificios que nos custaria em homens e em dinheiro uma nova campanha... que os nossos homens preparam.

A Africa tem sido para nós um sorvedouro pela monomania guerreira; os heroes, de que ha cá n'o continente abundante e decorativa coleção, estão-nos pezados a dezenas e dezenas de milhares de contos.

A politica monarchica precisa d'aquilo de vez em quando: uma guerra na Africa é uma tregua que obtem graciosamente os governos nas suas testilhas com as opozições, e cada triumpho dos nossos bravos concidadãos é um troféo de que se apropria o governo e que se torna propriedade de familia... nós Paços reaes. Morra quem morrer e gaste-se o que se gastar, é preciso escórchar o pobre escarumba para o roubar, e para fazer da sua pele o tambor que apregoe as felicidades, as glorias, os meritos do rei, dos governos, do rejime...

Estão pois na conta, para isso, os cobradores boers que, como empregados do governo portuguez, poem a ferro e fogo o Cuamato, tornando a nossa bandeira um simbolo de latrocinio; estão para isso na conta os militares portuguezes que vão aplicar, na Africa, processos de matança e subordinação á russa.

Mais tarde o paiz ficará reduzido a uma estreita facha do litoral, perderá a confiança e o comercio do interior, terá de suportar guerras que lhe matarão centenas ou milhares de filhos, e terá de produzir os milhares e milhares de contos com que se terão de pagar essas guerras de que colhere-mos... a ruina.

Mas não importa, contanto que a Africa dê um heroe; um novo Mouzinho de Albuquerque, a cujo peito leal e injenuo se apoie o trono bragantino dos adeantamentos.

E' o que se quer... E' o que espreme a obra da monarchia...

Polvora seca

Numa das ultimas sessões da veneravel camara dos Pares.

João Arroio e o ministro batem-se com palavras doces, a propozito do atentado contra a camara de Lisboa. O ministro não se defende que nenhuma lei lhe dará defeza, esconde-se por detrás de sofismas, habilidades, põe

em pratica que na linguagem popular se chama sempre—cantatas.

O seu discurso entremeado de graçolas, recheiado de falsidades, produz, consoante é de uzo dizer-se, pessima impressão na camara. E mal s. ex. acaba, uma voz que os jornaes dizem não se saber de que n vinda, claramente ecoha na sala, quebrando-lhe a monotonia com a exclamação: «Isto não acaba bem!»

«Isto não acaba bem!» Que quereria dizer, com isso, o venerando e digno par que porventura o exclamára? Que as arbitrariedades, as violencias, a má fé do rejime concitariam o odio, o desprezo, a hostilização das pessoas de bem, dos homens de forte e integro carater?

Que o rejime se cobre de desprestijio com a pratica de actos infrinjidores das leis politicas do reino e das leis humanas do respeito?

Que o ministro comprometeu as instituições, tornando o monarcha malquisto e considerado como o primeiro máo funcionario publico?

«Isto não acaba bem» poderá «er tudo isso na expressão exclamativa, e poderá significar, quiçá, a opinião de que contra factos tão despoticos e insolentes, mais dia menos dia, irromperá inevitavel e indominavel a torrente das paixões populares, subvertendo a instituição condenada, jugulando os homens que a servem e conscientemente a antepoem á honra ao bem estar, á existencia da sua patria.

Nos labios tremulos d'um par, evidentemente velhinho, não poderia a frase significar outra couza; ora essa significação, a nosso vé, deve corrigir a frase fundamentalmente.

«Isto não acaba bem!» disse-se agourando difficuldades e maos dias para a monarchia; afirmativamente, e com venia do digno par digamos nós «Isto acaba bem!» sempre que acabe de dar a vida ao creador este rejime nefasto.

«Isto acaba bem!» desde a hora em que ao pezo dos seus crimes, da sua inepcia, das suas crueldades habul-hamidicas, esta arvore maldita que tudo suga, tudo ró, tudo invenena, seja arrancada da terra que para florir e frutificar apenas espera por essa operação redentora...

«Isto acaba bem» desde o momento em que Portugal—5 milhões e meio de almas—deixe de ser o feudo d'um José Luciano, o morgadio d'um Bragança, e o Paraguay de hoje dos jesuitas...

«Isto não acaba bem» tão só no caso em que, como até agora, continuemos a viver a existencia de escravos; castrados para a enerjia, castrados para o pundo-nor.

O «digno par» fique descançado «isto acaba bem!» Sob o ponto de vista apostro ao seu—frize-se e accentue-se.

João Fel.

Catecismo Operario

—As minhas bemaventuranças—

1. Bemaventurados são os pobres de espirito porque d'elles é o reino da fome.

2. Bemaventurados são os humildes porque eles possuirão ludibrios, exterminios e miserias.

3. Bemaventurados são os que choram porque chorarão toda a vida, cada vez mais espezinhadros.

4. Bemaventurados são os que tem fome e sede de justiça, por-

que eles serão fartos de injustiças até á raiz dos cabelos.

5.^a

Bemaventurados são os que uzam de misericórdia porque eles alcançarão rozaes, fanatismo e escadarias para subirem ao ceu da hipocrisia.

6.^a

Bemaventurados os limpos do coração, porque eles verão a tirania dos homens pseudo religiosos.

7.^a

Bemaventurados são os pacíficos porque eles serão chamados filhos da exploração e atrelados ao carro da burguezia para ornamentar seus recreios.

8.^a

Bemaventurados são os que padecem perseguições por amor da justiça, porque d'elles é o reino das balas, prisões e guilhotinas.

Mandamentos da lei da monarchia—

1.^o

Amar o rei sobre todas as coisas e ao clero como a nós mesmo.

2.^o

Não jurar seu santo nome sem firmeza e lealdade.

3.^o

Guardar barreiras afim de evitar a entrada de contrabando.

4.^o

Honrar o rei e sua familia.

5.^o

Não matar o juiz de instrução criminal.

6.^o

Guardar a urna em dias de eleições.

7.^o

Não turvar os gózos á familia real.

8.^o

Não levantar falsos testemunhos aos chefes de policia.

9.^o

Não desejar o poder governamental.

10.^o

Não cubicar o luxo dos palacios reaes.

Manoel Lourenço da Silva.

Logares selectos

E' necessario exigir d'elles manifestações positivas e que os bispos, parochos e professores publicos de theologia declarem falsas e subversivas todas as doutrinas, sejam de quem forem, venham d'onde vierem, que tendem a tornar contradictoria a religião do reino com as condições impreteriveis da sociedade actual estatuidas na Carta. Que o governo exija isto e espere o resultado.

Outra experiencia.

Em 1826 a theologia, a historia ecclesiastica, os ritos, os canones ensinavam-se na universidade, nos seminarios, nos cursos de estudos das congregações e das ordens monasticas. As dioceses tinham os seus catecismos, pelos quaes os parochos e mestres educavam a infancia na doutrina catholica. Os prelados d'então acceitavam esses compendios, expositores e catecismos; ordenavam-nos, até,

O ensino, portanto, das sciencias ecclesiasticas e a doutrinação dos fieis eram necessariamente conformes com a religião catholica seguida no paiz. Atenham-nos, pois, aos catecismos, aos compendios, aos expositores, aos livros em summa, por onde se ensinaram as sciencias ecclesiasticas e se educou o clero e o povo desde o principio d'este seculo até a promulgação da Carta.

Declare-se que todas as doutrinas, ou desconhecidas n'esses livros ou contrarias ás que elles encerram, ou a que se dê uma interpretação ou valor differentes dos que se lhes davam então ou são heterodoxas ou erroneas, quer se refiram ao dogma, quer á moral religiosa, quer á disciplina. Teremos assim a certeza: primeiro, de que continua a ser religião do reino a que d'antes era; em segundo logar de que essa é a crença catholica, apostolica romana de que falla a Carta. Os bispos eram então, como o foram sempre, os principaes juizes da fé e os papas os chefes visiveis da egreja pela sua primazia. Pio VI ou Pio VII valiam bem Pio IX. Nunca, porém, n'essa epocha Roma lançou sobre nós sequer uma suspeição de heterodoxia e fossem quaes fossem as divergencias entre a curia romana e a egreja portugueza ou o governo portuguez em assumptos disciplinares nunca se proferiu contra nós a accusação de scisma. Estavamos, pois, pelas nossas tradições e doutrinas, perfeitamente no seio da egreja. Mantendo exclusivamente o dogma catholico, nem mais, nem menos, como a egreja no-l'o ensinou a nós, os velhos, e conservando-nos, em relação á disciplina, onde estavamos, estamos indubitavelmente no gremio d'essa egreja; porque a religião é immutavel, a religião não se aperfeiçoa.

Alexandre Herculano.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Fazem annos: Hoje a menina Olivia d'Araujo Sobreira, gentil filha do sr. dr. Antonio dos Santos Sobreira. No dia 10 o sr. Antonio Augusto Freire de Liz. E no dia 13 o sr. Silverio Lopes Bastos.

As nossas felicitações. Retiraram terça-feira para Coimbra os distinctos academicos Antonio Zagallo dos Santos, Anthero Cardoso e Antonio Santhiago; e para o Porto os snrs. Augusto Lamy, Frederico Abragão e Joaquim Carrelhas.

Tambem já retiraram d'Ovar, onde estiveram por alguns dias de visita, os snrs. Luiz de Mello Freitas Pinto, d'Agueda, e dr. Joaquim Seixas e esposa, de Cambra.

Partiu segunda-feira para Canas de Senhorim o nosso presado assignante sr. Duarte Ferreira Laranjeira, de Maceda.

O mercado

Como estava annunciado, reuniram ao principio da tarde de domingo no theatro Ovarense varios cidadãos d'esta villa, a convite dos snrs. capitão Marrecas Ferreira e João Pacheco Polonia, para se tratar do projecto de um mercado entre nós.

A' 1 hora e meia, por proposta do sr. capitão Marrecas, approvada pela assembleia, assumiu a presidencia o sr. Angelo Zagallo de Lima, digno escrivão de direito d'esta comarca, que escolheu para secretarios os snrs. Antonio Baptista Zagallo e Manuel Augusto Nunes Branco.

Exposto pelo presidente o fim da reunião, disse com um são criterio verdades como punhos sobre a nossa apathia indigena e fez a historia do movimento asso-

ciativo d'esta localidade, iniciado com a fundação do corpo dos Bombeiros Voluntarios e continuado pelo estabelecimento da Associação de Socorros Mutuos, Beneficencia Escolar e ultimamente da Misericordia. Concluiu por afirmar que á vista d'estes empreendimentos levados a cabo em tão curto espaço de tempo o estabelecimento do mercado era uma empreza muito viavel, se tiver a servil a boa vontade de todos os vareiros, convidou por fim qualquer pessoa a usar da palavra sobre o assumpto.

O primeiro a usar da palavra foi o sr. capitão Marrecas Ferreira que leu o seu judicioso discurso, propondo a certa altura por intermedio da presidencia, que a assembleia se pronunciasse se achava ou não conveniente a criação d'um mercado em Ovar. A assembleia manifestou-se affirmativamente, approvando a proposta por unanimidade.

A seguir apresentou a relação dos cavalheiros para constituir a commissão encarregada de estudar o projecto do mercado, terminando por pedir que, apesar de estranho a Ovar, o considerassem vareiro.

Approvado por aclamação. Fallou depois o sr. João Polonia, que affirmou o seu esforço a favor da empreza projectada.

Fallaram mais os snrs. Anthero Cardoso e Antonio Valente, que, fazendo a critica da nossa terra, mostraram a grande vantagem da edificação do mercado.

Como não houvesse mais oradores inscriptos, o presidente apresentou á approvação da assembleia a proposta do sr. capitão Marrecas, contendo os nomes dos individuos, para a commissão, que são os snrs. Affonso José Martins, dr. Antonio Joaquim d'Oliveira Valente, Antonio d'Oliveira Mello, Antonio Pinto Lopes Palavra, dr. Alberto d'Oliveira e Cunha, Apolinario José da Silva Lopes, Ernesto Zagallo de Lima, Francisco de Mattos, Francisco Ferreira Coelho, P.º Francisco Marques da Silva, dr. Gonçalo Huet de Bacellar, dr. João d'Oliveira Baptista, dr. João Maria Lopes, Joaquim Augusto Ferreira da Silva, José Pinheiro Garrido, José Ferreira Malaquias, José Maria Rodrigues Figueiredo, José Maria de Pinho Valente, José Nunes Lopes, Manoel Maria Barbosa Brandão, Manoel André d'Oliveira, Manoel Ferreira Dias, Manoel da Silva Ferreira, Manoel Gomes Laranjeira, e os iniciadores João Pacheco Polonia e capitão Eduardo Marrecas Ferreira.

Esta proposta foi approvada por unanimidade.

Depois d'esta approvação, o presidente convidou os membros presentes da commissão a tomar logar no palco, representando esse acto a acceitação publica do seu compromisso, e logo se dirigiram aos palcos os snrs. Manoel Barbosa Brandão, capitão Marrecas, João Polonia, Francisco Coelho, Francisco de Mattos, Lopes Palavra, José Maria Figueiredo e Manoel da Silva Ferreira, que eram os unicos da commissão que alli se encontravam.

Então usando da palavra o sr. dr. Francisco Fragateiro, saudou a commissão como homens de trabalho e d'acção, tendo para com ella palavras de louvor na esperança de que alguma coisa d'util ha fazer.

O presidente, depois de pôr em destaque a iniciativa do sr. capitão Marrecas Ferreira, incitando-o á propugnação do progresso material e social d'Ovar, encerrou a sessão com um viva áquelle official.

No dia immediato á noite reuniu a maioria dos membros da commissão na sala da Associação de Socorros Mutuos afim de assentar nas primeiras deliberações. Presidiu o sr. Antonio Soares Pinto, secretariado pelos snrs. Affonso José Martins e Manoel Gomes Laranjeira.

Após varios alvites apresentados para a iniciação dos trabalhos, resolveu-se encarregar o membro da commissão sr. João Polonia para adquirir o conhecimento das bases que presidiram a construção do mercado analogo da cidade d'Aveiro para, em face d'ellas, se determinarem em ulterior reunião e as apresentarem á sancção da camara.

Excursão a Braga

Uma boa novidade—vamos ter este anno uma grande excursão a Braga, em beneficio da Misericordia.

E' isso ponto assente, e constantemente que o bello passeio á linda, á encantadora capital do Minho, será organizado por um grupo de vareiros que não se poupará a esforços, nem a trabalho, para levar a bem, e brilhantemente, o seu sympathico empreendimento.

Liga-se o agradável á benemerencia, funle-se o deleitoso n'um alto sentido de obra caritativa por excellencia, visto como, os lucros que advenham da excursão para a Misericordia tem destino.

E' pois uma resolução que ninguém deixará de estimar. E ha-de resultar uma excursão magnifica...

E' ir preparando os farneis, e vós, ó lindas!—as pandeiretas...

Misericordia

Continua aberta a subscrição para a construção do novo hospital.

Da ex.^{ma} sr.^a D. Julia Chaves de 13 bilhetes da rifa só agora pagos, mas que por já os ter abonado fez reverter em favor da Misericordia 2\$600

Bibliotheca Escolar

Parece que está assente a installação provisoria da Bibliotheca na sala das sessões da Direcção dos Bombeiros Voluntarios, o que, como já aqui dissemos, se não é uma installação ideal, representa a melhor solução de momento.

Consta-nos, porém, que se a Bibliotheca for concorrida e coroada d'exitos os esforços da Commissão de Beneficencia Escolar, não virá longe o dia em que com muita alegria veremos a Bibliotheca installada em casa propria.

Principiamos hoje a publicar a lista dos livros offerecidos, cuja catalogação já começou, e dizemos que a Bibliotheca será inaugurada logo que ella termine, visto já estar approvado quasi todo o regulamento.

Livros offerecidos

Por o ex.^{mo} sr. José de Castro Vidal, sub-inspector escolar d'este circulo:

«A Patria Portugueza», D. João da Camara e outros.

«A minha Patria», D. Anna de Castro Osorio.

«A Quinta do Diabo e a Horta do Thomé», Motta Prêgo.

«Toadas da nossa terra», Adolpho Portella e Thomaz Boba.

«Do Minho ao Algarve», Eduardo de Noronha.

«Um livro», Camillo Castello Branco.

«Da Madeira ao Zambeze», Eduardo de Noronha.

«Hymno das escolas», Augusto Machado.

Por o ex.^{mo} sr. Carvalho d'Almeida:

«Adubos e prados».

«Cultura e panificação dos trigos».

«Manual pratico para o fabrico e conservação dos vinhos» de que é auctor o offerente.

Por o ex.^{mo} sr. Carvalho Saavedra:

«Zoologia elementar».

«Rudimentos de chimica experimental».

Redacção de «O Zoophilo».

«Deveres para com os animaes», Mrs. Bray.

Por o ex.^{mo} sr. dr. Domingos Pinto Coelho:

«Malefícios das congregações religiosas», Pinto Coelho.

Por o ex.^{mo} sr. D. João de Lima Vidal, Bispo d'Angola, os seus livros:

«Esplendores do sacerdocio».

«Compendio de doutrina christã».

«Panegyrico da Santa Joanna Princeza».

«A Batalha do Bussaco».

«O primado pontificio».

Senhora do Desterro

Foi, como do costume, enormemente concorrida a romaria da Senhora do Desterro que domingo e segunda-feira se realisou na freguezia d'Arada, d'este concelho não obstante a aspezeza da temperatura produzida por uma rija ventania que n'aquelles dias se desencadeou.

O rendez vous da Ponte Nova, a que costumava imprimir encantos a presença das nossas sympathicas conterraneas, foi totalmente prejudicado, e nulo de passeantes, devido áquelle facto.

Contribuições

Foi prorogado ainda mais uma vez, até ao dia 30 do corrente mez d'abril, o prazo para o pagamento voluntario n'este concelho das contribuições geraes do Estado, respeitantes ao anno de 1909.

Roubo

No dia 31 de março os larapios, aproveitando a ausencia de seus donos, penetraram em casa do sr. Manuel Correia de Oliveira, do Mourão de Cortegaça, e roubaram dois cordões com medalhas d'estrella e duas arreadas d'ouro, 7\$500 reis em dinheiro, o que tudo perfaz approximadamente 400\$000 reis.

Este roubo é attribuido aos presos ultimamente evadidos da cadeia de Pereira d'esta comarca, de nomes Antonio Rodrigues Bento, o da «Pinta», de Esmoriz, e Ernesto Rodrigues da Silva, o da «Fogueira», d'esta villa, os quaes, segundo nos informam, acabam de ser capturados em Espinho.

Cooperativa de panificação

Trabalha-se na verdade na intenção de levar a effeito n'esta villa uma sociedade cooperativa de panificação.

O capital, como dissemos, é de 2:500\$000 réis, distribuido por 50 socios em acções de 50\$000 cada uma.

Esta ideia foi bem acolhida em geral, pois, iniciados os trabalhos ha mui poucos dias, já o numero de socios inscriptos ascende a 40.

Variola

Continua a variola na sua marcha desenfreada, atacando creanças e adultos.

Reclamar providencias é prégar no deserto. Ninguém, dos que no assumpto superintendem, se move no intuito de debellar o mal. São todos os mesmos cumplices no desleixo, na incuria e nos defeitos uns dos outros.

Attendidos...

Felicitemo-nos e felicitamos a nossa terra por sermos attendidos n'uma reclamação que fizemos no numero passado á direcção das obras publicas do districto sobre o estado estacionario dos reparos ha mezes principiados na ponte de ferro do rio Graça. As obras recommearam e já se assentaram novas chapas de ferro em substituição das antigas e das tapagens provisorias de madeira.

Não fica nunca mal a ninguém reparar uma falta ou penitenciar-se d'um desleixo e porisso louvamos o sr. director das Obras Publicas por providenciar immediatamente sobre a nossa reclamação, que é o mesmo que a d'uma povoação inteira.

TANOARIA

ARMAZENS DE VINHOS

Consumo e exportação

Carrelhas & Filho, Suc.^{or}

Grande deposito dos seus conhecidos vinhos--CELESTE (clarete), VIRGEM BAIRRADA (encorpado), VERDE DE CAMBRA e SUPERIOR BRANCO.

Alcool; aguardentes de vinho, figo e bagaceira; geropi-gas finas e baixas.

FINOS VINAGRES TINTO E BRANCO

Na sua "Tanoaria,, faz toneis, pipas, quartolas, barris de quinto, decimo, vigesimo e tudo o mais concernente á mes-ma garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

RUA DAS FIGUEIRAS

OVAR